




Didática Especial e História da Educação Matemática: Contribuições de um Estudo sobre a Formação de Professores de Matemática na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (Belo Horizonte, 1941-1954)¹

Filipe Santos Fernandes ^a
Paulo Henrique de Souza Araújo ^a
Luís Henrique Coelho de Almeida Cosenza ^b

^a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, Belo Horizonte, MG, Brasil.

^b Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Instituto de Ciências Exatas, Departamento de Matemática, Belo Horizonte, MG, Brasil.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir contribuições do estudo da Didática Especial, particularmente da disciplina Didática Especial de Matemática, para pesquisas em História da Educação Matemática que tenham como foco a formação e atuação de professores nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras na primeira metade do século XX. As considerações apresentadas decorrem de uma investigação sobre a Faculdade de Filosofia de Minas Gerais entre 1941 e 1954. O estudo da disciplina Didática Especial de Matemática, oferecida pelo curso de Didática dessa instituição, permitiu destacar o papel desenhado pela disciplina na afirmação ou diferenciação de modelos de formação de professores vigentes no período e as relações da disciplina com a emergência de uma posição subjetiva no espaço científico-acadêmico brasileiro, profissionais dedicados a pensar, a discutir e a produzir conhecimento em torno das relações entre o ensino, a educação e a matemática visando à formação de professores de matemática para o ensino secundário e para o curso normal.

Palavras-chave: Didática Especial. Ensinar a ensinar. Formação de Professores de Matemática. História da Educação Matemática. Profissionalização.

The Discipline of Special Didactics and the History of Mathematics Education: Supporting the studies on the Mathematics Teachers Training at the College of Philosophy of Minas Gerais (Belo Horizonte, 1941-1954)

ABSTRACT

The aim of this paper is to discuss the contributions of the Special Didactics study, particularly of the Special Didactics of Mathematics subject, to research in the History of Mathematics Education that focus on the training of teachers from Philosophy, Science and Language University in the

¹ Este artigo apresenta uma ampliação das discussões presentes em um texto de mesmo título e autoria apresentado no IV Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática, realizado em Campo Grande (MS) em 2018.

Autor correspondente: Filipe Santos Fernandes. E-mail: fernandes.fjf@gmail.com.

first half of the 20th century. The considerations presented derive from an investigation of the Philosophy course, of a university of Minas Gerais, in Brazil, between the years of 1941 and 1954. The study of “Special Didactics of Mathematics” subject offered by the Didactics course of this same institution, allowed the highlight of the role designed by this subject in the affirmation or differentiation of teacher training models in that period and its relations with the emergence of a subjective position in the Brazilian scientific-academic field, creating professionals dedicated to thinking, discussing and producing knowledge about the relationship among teaching, education and mathematics in order to prepare mathematics teachers for secondary education.

Keywords: Special Didactics. Mathematics Teachers Training. History of Mathematics Education. Teaching to teach. Professionalization.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir contribuições do estudo da disciplina *Didática Especial* para a pesquisa em História da Educação Matemática no Brasil, especialmente para os estudos sobre a formação e a atuação de professores de matemática na primeira metade do século XX. As considerações aqui apresentadas são decorrentes do projeto de pesquisa *A posição científico-acadêmica da Educação Matemática no Brasil: representações, instituições e políticas*,² em desenvolvimento na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Tendo em vista a comemoração dos 90 anos da UFMG, em 2017, optamos por estudar o curso de Matemática da Universidade em uma perspectiva histórica, buscando delinear uma trajetória do curso e compreender os espaços e os tempos dedicados a pensar, a discutir e a produzir conhecimento em torno das relações entre o ensino, a educação e a matemática visando à formação de professores de matemática. Nesse sentido, surgiu o interesse de estudar os primeiros anos de funcionamento dos cursos de Matemática e Didática, criados na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais³ e que comporiam, anos mais tarde, o curso de Matemática UFMG.

Neste texto, apresentaremos uma discussão sobre a formação de professores de Matemática na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais entre 1941, primeiro ano de funcionamento do curso de Matemática, e 1954, ano de publicação do Anuário da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (Anuário..., 1954), documento que traz importantes informações sobre os anos iniciais de funcionamento da Faculdade de Filosofia e que orientou o olhar para as demais fontes investigadas.

Para promover tal discussão, damos foco à *Didática Especial de Matemática*, disciplina do curso de Didática que indica um trabalho envolvendo as metodologias de

² O projeto recebe apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq – Edital Universal 2017-2020). Em 2017, o projeto contou também com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG (PRPq), por meio da concessão de bolsas institucionais de Iniciação Científica.

³ Em diferentes momentos deste texto, faremos referência à Faculdade de Filosofia de Minas Gerais apenas como *Faculdade de Filosofia*.

ensino para a qualificação de professores de matemática e que promove a emergência de uma posição subjetiva e institucional autorizada a “ensinar a ensinar matemática”.

ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

“Um dia, com melhor perspectiva histórica, que hoje naturalmente nos falece, alguém fará a justiça devida aos despendidos e bravos mestres que a criaram” (Anuário... , 1954, p.17).

A passagem acima está presente no Anuário da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, em um texto introdutório que trata dos primeiros anos de funcionamento da instituição. Ao que parece, o conflitivo movimento de implantação da Faculdade de Filosofia e as dificuldades de organização e de funcionamento enfrentadas nos primeiros anos motivaram os autores do texto a exigirem do tempo e do fazer histórico a reparação de certas injustiças do passado, reconhecendo, por exemplo, os esforços empenhados pelos fundadores da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais.

Ainda que nossa pesquisa tenha interesse pelos primeiros anos de funcionamento da instituição, não se busca, com ela, “fazer justiça”, como se fosse finalidade do trabalho historiográfico a reparação do passado. A perspectiva histórica com a qual dialogamos (Foucault, 2002; Fernandes & Morais, 2017) não tem como intenção julgar o passado; não procura, também, perguntar por uma origem ou por relações causais e teleológicas. Não se trata, ainda, de mostrar por quais meios determinadas configurações sociais, posições de sujeitos e objetos, poderes ou formas do conhecimento se manifestaram e/ou se modificaram em diferentes tempos e espaços. Diferentemente, o que se procura é chegar a esses elementos por meio de práticas que o permitiram emergir como preocupação histórica, com visibilidade e dizibilidade; buscar por um nó que articula acontecimentos e que instaura um solo no qual determinadas configurações sociais, posições de sujeitos e objetos, poderes e formas do conhecimento podem se construir, circular e produzir efeitos. Assim,

Ao valorizar o estudo e as discussões sobre a trajetória da formação inicial de professores de Matemática no país, reconhecemos as contribuições do pensamento histórico, avesso à aceitação de informações e ideias alheadas da consideração sobre os cenários em que surgiram, do foco nas potencialidades e limites dos conhecimentos que circularam nos diferentes momentos da trajetória da formação inicial de professores de Matemática no país. (Gomes, 2016, p.425)

Tendo como base essas orientações, foram consultadas fontes escritas – como projetos curriculares, ementas e programas de disciplinas, atas e outros – presentes no arquivo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da UFMG. Ainda que o estado de conservação e de organização dos documentos arquivo fosse muito precário e apesar dos esforços da funcionária responsável, a riqueza dos documentos e o encontro

com o Anuário da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (Anuário..., 1954) indicaram novas direções à pesquisa.

Uma dessas direções foi a necessidade de um recorte temporal que tivesse como marco de abertura o ano de início das atividades do curso de Matemática, em 1941, e como marco final o ano de 1954, período de publicação do Anuário da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais. Nesse período, interessava-nos compreender como se deu o estabelecimento e o funcionamento da disciplina *Didática Especial de Matemática*, já que, como detalharemos mais à frente, um programa da disciplina aparece no Anuário e permite relações com a formação e a atuação de professores de matemática na primeira metade do século XX.

A FACULDADE DE FILOSOFIA DE MINAS GERAIS E OS CURSOS DE MATEMÁTICA E DIDÁTICA: BREVES CONSIDERAÇÕES

A Faculdade de Filosofia de Minas Gerais surgiu do interesse de intelectuais que militavam na vida cultural e política da capital mineira e dividiam seu tempo entre as redações dos jornais e as salas de aula dos principais colégios de Belo Horizonte (MG). Tinha como um de seus pilares o denominado “saber desinteressado”, o desenvolvimento de um conhecimento científico que não estivesse estritamente ligado à formação profissional.

Segundo Haddad (2015), esses intelectuais criticavam o ensino superior ministrado pelas escolas tradicionais, nas quais as “ciências básicas” eram trabalhadas segundo os interesses e os objetivos de uma determinada formação profissional, sendo “a Matemática e a Física ensinadas segundo as necessidades práticas do engenheiro, a Química de acordo com a demanda do farmacêutico ou do médico, e assim por diante” (p.55). Por isso, o empenho desses intelectuais era por uma formação diferente daquela que acontecia nas escolas profissionais, uma formação em que “a inquietação intelectual estimulasse a criação, cultivando-se o saber por si mesmo, sem preocupações imediatistas” (p.55).

Em 5 de novembro de 1940, pelo Decreto-lei nº 6.486, a Faculdade de Filosofia recebeu autorização para organizar e fazer funcionar os cursos de Filosofia, Matemática, Geografia e História, Ciências Sociais, Letras Neolatinas e Letras Clássicas, iniciados em 1941 e reconhecidos em 26 de março de 1946, pelo Decreto nº 20.825. Outros cursos – Física, Química, História Natural, Letras Anglo-germânicas, Pedagogia – iniciaram em 1942 (em situação precária, apesar dos esforços empenhados), mas só foram reconhecidos pelo Decreto nº 23.841, de 14 de outubro de 1947.⁴ O curso de Didática começou a funcionar em 1944, época em que os primeiros bacharéis se formaram.

No Anuário da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (Anuário..., 1954) encontramos registros da organização da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais,

⁴ Neste texto, não pretendemos detalhar acontecimentos ligados à fundação da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais. Apontamos, entretanto, que essa discussão é apresentada nos trabalhos de Haddad (2015), Faria, Souza e Fonseca (2016) e outros.

similar ao adotado pela Faculdade Nacional de Filosofia (FNF), fundada em 1939. Essa similaridade, como veremos, reforça as compreensões que indicam que a FNF como modelo para as Faculdades e Institutos equiparados na época. Segundo Ferreira e Passos (2013, p.4-5):

A organização dos cursos da FNF partia da concepção de que a formação docente se justapõe ao bacharelado por meio das disciplinas pedagógicas, uma vez que a FNF foi organizada em diferentes seções, fato que impedia uma integração entre as diferentes áreas de conhecimento. Prevalencia a concepção da cultura bacharelesca, em que o domínio dos conteúdos científicos era suficiente para a formação de um bom professor. A formação docente acontecia por meio de uma complementação pedagógica, desarticulando-se das complexidades e especificidades que envolviam a formação docente (PASSOS, 2005). Os candidatos ao magistério secundário deveriam realizar o Curso de Didática⁴, com duração de 1 ano, posteriormente à realização do curso de bacharelado. Tal estrutura de ensino ficou conhecida como “esquema 3+1”, surgindo, então, o conceito de licenciado: o bacharel que cursava o grupo de disciplinas do curso de Didática, obtendo a licença ao magistério secundário e diplomando-se pelas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. (Castro, 1973)

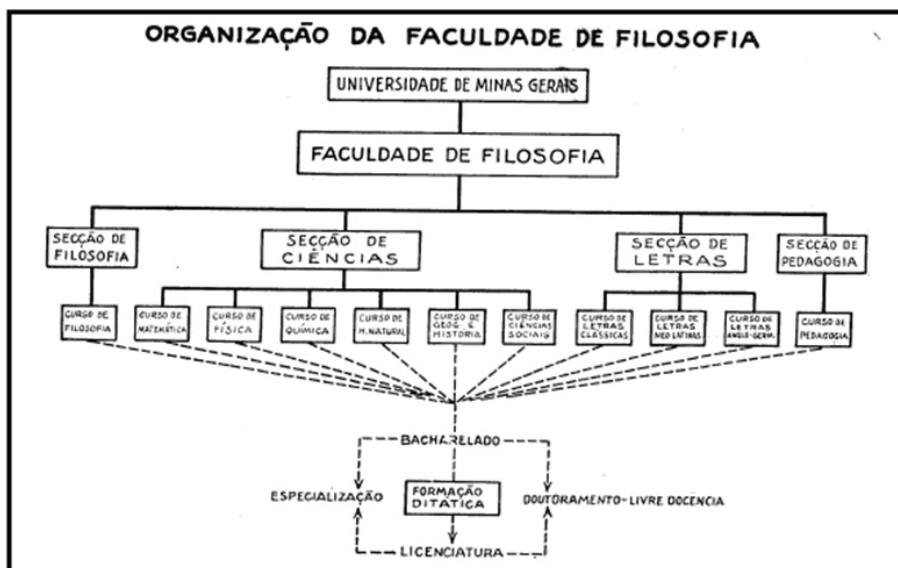


Figura 1. Organização da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (Anuário..., 1954, p.28).

Como se pode notar, as diferentes Seções da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (de Filosofia, de Ciências, de Letras e de Pedagogia) abrigavam os cursos de bacharelado a elas associados. Apenas quando concluído o Bacharelado o estudante

poderia ingressar, havendo interesse, no curso de Didática, obtendo com essa formação a Licenciatura.

A Secção de Ciências era a responsável pelo curso de Matemática, organizado em três anos. Analisando as disciplinas e os programas desse curso, também presentes no Anuário (1954), percebemos que o foco é o conhecimento matemático, sem explicitar discussões voltadas para o ensino ou para a educação. Sobre isso, Gomes (2016, p.429) destaca que diversos autores que tratam da temática “observam que a função principal do curso era a preparação de matemáticos, ficando em segundo plano, subordinada à formação do cientista, a meta de formação profissional de professores”.

A Secção de Didática era, por sua vez, responsável pelo curso de Didática, organizado em um ano. Ao que parece, a formação dos professores nas diferentes áreas diferenciava-se no curso de Didática apenas pela especificidade promovida pelo conjunto de disciplinas que compõem a *Didática Especial*, já que o Anuário traz programas distintos para esse conjunto de disciplinas – a “*Didática Especial de...*”, que associa os conteúdos da disciplina às áreas de formação determinadas pelo Bacharelado –, e programas idênticos para as demais disciplinas do curso de Didática.

<p>1. Curso de Matemática</p> <p>1ª Série: Análise Matemática — Geometria Analítica e Projetiva — Física Geral e Experimental</p> <p>2ª Série Análise Matemática — Geometria Descritiva e Complementos de Geometria — Mecânica Racional — Física Geral e Experimental</p> <p>3.ª Série: Análise Superior — Geometria Superior — Física Matemática — Mecânica Celeste</p>
--

<p>Curso de Didática</p> <p>Didática Geral — Didática Especial — Psicologia Educacional — Administração Escolar — Fundamentos Biológicos da Educação — Fundamentos Sociológicos da Educação</p>
--

Figuras 2 e 3. Currículos dos cursos de Matemática e Didática (Anuário..., 1954, p.29/32).

Para Moreira (2012), as concepções associadas ao ensino escolar podem ter funcionado como alicerces sobre os quais surgiu tal estrutura – o que identificamos, hoje, como “modelo 3 + 1”. O autor destaca que, nessa época, “Ensinar era visto,

essencialmente, como transmitir o conhecimento do professor para o aluno. E aprender era, basicamente, receber essa transmissão sem muitos *ruídos*” (p.1138). Assim, de um modo geral, o estudante aprendia nos três primeiros anos o conteúdo matemático (curso de Matemática) e, em uma etapa posterior, aprendia a transmiti-lo (curso de Didática).

Assim, em termos disciplinares, o currículo previsto para a formação de professores de matemática no curso de Didática diferenciava-se do empregado na formação de professores de outras áreas apenas pela presença da disciplina *Didática Especial de Matemática*. Isso motivou nosso interesse pelo estudo dessa disciplina, já que ela apresenta indícios de ser o principal espaço institucional dedicado a questões e a discussões sobre as relações entre o ensino, a educação e a matemática visando à formação de professores.

A DIDÁTICA ESPECIAL DE MATEMÁTICA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NA FACULDADE DE FILOSOFIA DE MINAS GERAIS

Como pontuado, interessou-nos os modos de organização e funcionamento da cadeira *Didática Especial de Matemática*, oferecida pelo curso de Didática. A necessidade de um olhar mais cuidadoso para essa modalidade de curso – a “*Didática Especial de...*” – já havia sido indicada por Melo e Araújo (2016) que, ao discutirem a formação de professores na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais entre 1939 e 1948, escrevem:

O Anuário da Faculdade de Filosofia (ANUÁRIO, 1954) [...] detalha as Didáticas Especiais em: Didática Especial (DE) de Filosofia, DE de Matemática, DE de Física, DE de Química, DE de História Natural, DE de Geografia e História e Ciências Sociais, DE de Ciências Sociais [sic], DE de Português e Literatura, DE de Línguas Neolatinas, DE de Pedagogia. **Uma boa pergunta seria: como as Didáticas Especiais estavam organizadas a partir de 1944, nos anos iniciais do curso?** (Melo & Araújo, 2016, p.55, destaque nosso)

Conforme observado pelas autoras, o programa dessas disciplinas aparece no Anuário da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, sendo o programa de *Didática Especial de Matemática* apresentado a seguir:

DIDÁTICA ESPECIAL DE MATEMÁTICA

- 1 — As ciências matemáticas. Seu objeto, caracteres e processo.
- 2 — A definição matemática.
- 3 — Os axiomas e os postulados.
- 4 — Matemáticas modernas e geometrias não euclidianas.
- 5 — A Demonstração. Sua natureza, espécie e regras.
- 6 — História da Matemática e história do ensino da Matemática.
- 7 — Os objetivos do ensino da Matemática.
- 8 — Métodos de ensino da Matemática.
- 9 — Princípios psicológicos, lógicos e pedagógicos que fundamentam o ensino da Matemática.
- 10 — Escolha, seleção e organização da matéria.
- 11 — A motivação no ensino da Matemática.
- 12 — Os livros de texto. A verificação do aprendizado.

Figura 4. Programa da disciplina Didática Especial de Matemática (Anuário..., 1954, p.219).

Os tópicos de 1 a 5 do programa sugerem uma concepção de matemática próxima da que o estudante teve contato no bacharelado, pautada na “ciência matemática”, na “definição”, nos “axiomas”, nos “postulados”, nas “demonstrações”. Os tópicos de 7 a 12, por sua vez, indicam um trabalho que relacionasse o ensino, a educação e a matemática, compreendendo discussões ligadas à atuação do professor, como os “objetivos do ensino de matemática”, os “métodos de ensino”, os “princípios psicológicos, lógicos e pedagógicos que fundamentam o ensino de matemática” etc. Essa ordem de apresentação dos tópicos (os primeiros ligados à matemática e os últimos associados ao ensino ou à educação) parece reforçar a concepção de formação de professores que operava mais intensamente nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras do país, que defendia que a “formação matemática” deveria preceder a “formação pedagógica”. No programa não há qualquer menção a métodos de ensino ou mesmo uma sugestão de bibliografia.

Nesse sentido, acreditamos que o estudo da disciplina *Didática Especial de Matemática* permite elaborar compreensões sobre as concepções de formação de professores de matemática vigentes nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras na primeira metade do século XX. Em nosso estudo, o programa indica a disciplina como espaço que reforçava a ideia de que para ser professor de matemática seria necessário um acentuado estudo da matemática científica que, no encontro com as preocupações educacionais promovidas pelo curso de Didática, converter-se-ia em conhecimento matemático ensinado na escola. Além disso, o mesmo programa parece indicar as próprias intenções de criação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras no Brasil, que, por um lado, tinham como propósito o desenvolvimento de um conhecimento científico desvinculado da formação profissional (o “saber desinteressado”) e, por outro, cumpriam o papel de instituições responsáveis pela preparação dos professores para o magistério no

ensino secundário, em expansão no período. Essa dupla função, como aponta Sucupira (1969, p.261), justificava-se pela “tradição de ensino superior profissional [no Brasil] onde prevalecia a ideia de que a toda escola superior profissional deveria corresponder sempre uma especialidade técnica objetivável em termos de profissão liberal”, sendo, assim, “prematura a criação de uma faculdade unicamente destinada à pesquisa científica pura”.

Pela dificuldade de encontrar no arquivo da FAFICH materiais relacionados aos modos de organização e funcionamento da disciplina *Didática Especial de Matemática*, a discussão sobre os tópicos abordados na disciplina ficou restrita ao programa presente no Anuário... (1954). Entretanto, acreditamos que a continuidade das investigações, fundamentadas em fontes e acervos distintos, permitiria outras elaborações sobre as concepções de formação e atuação de professores de matemática operantes no período ou sobre o papel desempenhado pela disciplina na afirmação ou diferenciação dessas concepções. Nossa discussão busca apenas evidenciar a potencialidade de mobilizar a disciplina *Didática Especial de Matemática* para discutir aspectos históricos ligados à formação e à atuação de professores de matemática no Brasil no início do século XX.

A DIDÁTICA ESPECIAL DE MATEMÁTICA E A EMERGÊNCIA DE NOVAS POSIÇÕES SUBJETIVAS NO ESPAÇO CIENTÍFICO-ACADÊMICO BRASILEIRO

Como destacamos, o Anuário da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais traz os programas das disciplinas “*Didática Especial de...*” oferecidas pelo curso de Didática. Entretanto, na consulta ao arquivo da FAFICH observamos que, no período analisado, não acontecia o oferecimento de uma Didática Especial específica para cada área de formação. Dois documentos do acervo acentuaram tal compreensão: uma grade de horários do curso de Didática, na qual as disciplinas *Didática Geral* e *Didática Especial* aparecem sendo oferecidas no mesmo dia, pela mesma professora – Filocelina da Costa Matos de Almeida, catedrática de Didática Geral e Especiais – e em horários consecutivos; e uma lista com os conteúdos trabalhados na disciplina Didática Especial, na qual observamos apenas temáticas ligadas ao ensino de Língua Portuguesa e Geografia.

A ausência do oferecimento de uma Didática Especial específica para cada área de formação nos colocou a pensar sobre os modos de organização e funcionamento da disciplina *Didática Especial de Matemática*, que também não aparecia nos documentos analisados – tínhamos apenas o programa presente no Anuário, apresentado na seção anterior. Disso surgiu a necessidade de abordar a qualificação profissional dos docentes da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, já que em outros documentos a disciplina Didática Especial sob a responsabilidade da professora Filocelina da Costa Matos de Almeida, catedrática de Didática Geral e Didáticas Especiais, ora sob a responsabilidade de professores que pareciam não ter, ao menos pelas descrições apresentadas, uma formação específica para esse trabalho.

Ao discutir a qualificação profissional dos docentes da Faculdade de Filosofia, Haddad (2015) destaca que nos primeiros anos de funcionamento houve uma grande evasão de professores catedráticos causada, sobretudo, por uma crise de segurança institucional.

Os professores, profissionais liberais, tinham outras ocupações prioritárias no consultório médico, na empresa de construção, na bancada de advocacia, onde recebiam maiores benefícios. Mas a questão é mais complexa e sua base está a falta de profissionalismo do magistério, particularmente na Faculdade de Filosofia, que não apresentava as condições mínimas para o seu exercício. A ausência de critérios que definissem os pré-requisitos de formação para os professores, a dispersão dos conteúdos em várias cadeiras, principalmente na área de Ciências Humanas, a improvisação, a remuneração simbólica e a deficiente base material e pedagógica da escola favoreciam uma situação em que virtudes e sentimentos como dedicação, compreensão, desprendimento, disponibilidade muitas vezes eram mais importantes que a competência. (Haddad, 2015, p.93)

A ocupação dos cargos de professores por profissionais liberais, entretanto, parece não estar apenas ligada à possibilidade de conciliar a docência com suas profissões, minimizando as consequências das precárias condições de trabalho apontadas por Haddad (2015), mas também à carência de professores capacitados para trabalhar os conteúdos previstos nos programas das disciplinas da Faculdade de Filosofia. Vale reforçar que em períodos anteriores à fundação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras prevalecia no Brasil um ensino superior comprometido exclusivamente com a formação profissional, em cursos como Medicina, Engenharia, Direito e Agronomia. Assim, a proposta de um ensino superior voltado ao “saber desinteressado”, de perspectiva teórico-científica, surgia como deficiente na medida em que os profissionais que atuavam como docentes eram formados em escolas profissionais de saber aplicado, de perspectiva prático-funcional.

Se essa carência era evidente nas disciplinas do curso de Matemática⁵ – mesmo com demandas aos professores sendo supridas, muitas vezes, por engenheiros (Ferreira, 2012) –, na disciplina *Didática Especial de Matemática* ela surgia de forma mais acentuada. Isso porque na primeira metade do século XX eram ainda pouco expressivos no Brasil os espaços dedicados a pensar, a discutir e a produzir conhecimento em torno das relações entre o ensino, a educação e a matemática visando à formação de professores de matemática.

⁵ Não entraremos, aqui, em uma discussão sobre a carência de profissionais qualificados para atuação no curso de Matemática. Destacamos, entretanto, que Fávero (2003), ao tratar do curso de Matemática da Faculdade Nacional de Filosofia, comenta que, a partir da década de 1950, o curso entrou em um período de estagnação motivado por fatores como a crise do sistema universitário da época, a impossibilidade de oferecer condições de trabalho semelhantes às outras instituições do período e a dificuldade de encontrar professores de boa qualificação. Esses fatores, ainda locais, evidenciam dificuldades de pessoal presentes nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras do período.

A carência de professores qualificados, especialmente para o trabalho com as Didáticas Especiais, não deve ser associada, contudo, a uma falta de desenvolvimento da região em que se localizava a Faculdade de Filosofia ou a um “desinteresse” dos sujeitos por essa qualificação. Belo Horizonte, no período, tinha destaque no cenário artístico, cultural e educacional do país, e personalidades mineiras ocupavam importantes cargos e representações em instituições político-governamentais. Compreende-se com esta pesquisa que a carência desses profissionais se deve principalmente, mas não exclusivamente, ao ineditismo da proposta da Faculdade de Filosofia, voltada ao “saber desinteressado”, e à construção de um discurso – hoje, aparentemente naturalizado – que procurava afirmar a necessidade de formar “professores profissionais” para o Ensino Secundário e para o Curso Normal. Para isso, atribuiu-se à Faculdade de Filosofia a tarefa de preparar o professor para o exercício de sua profissão, exigindo, entre outros aspectos: 1) a proposição de uma *formação profissional* que superasse a cultura autodidática dos professores predominante no país; 2) a criação de uma *identidade* da formação, expressa pela similaridade entre a estrutura e os modos de organização e funcionamento dos cursos; e 3) a produção de um conjunto de procedimentos direcionados a *normatizar* a formação, aplicando uma série de regulações que viabilizassem a manutenção desses cursos e a circulação dos novos profissionais. Assim, o ineditismo da proposta de educação superior da Faculdade de Filosofia e a construção de um discurso profissional, identitário e normativo sobre a formação de professores parecem inaugurar a necessidade de profissionais qualificados a “ensinar a ensinar”.

Ao investigar a história da disciplina *Didática Geral* na Faculdade Nacional de Filosofia entre 1939 e 1968, Fonseca (2015, p.242) destaca que:

[...] embora nas décadas de 1920 e 1930 se evidencie a preocupação com a organização de um processo de formação específica e especializada para o exercício do magistério, ainda não existia a constituição de um “discurso da didática”, ou o uso deste termo para designar um saber, uma área específica de conhecimento ou disciplina. Isto é, a ideia de uma disciplina assim denominada não se fez presente nos diferentes ordenamentos legais que organizavam a formação de docentes para o sistema educacional brasileiro que pela primeira vez se constituía.

Assim, o fato de a Didática – e, acrescentamos, da Didática Especial – não ser tratada, no período, como uma área específica de conhecimento ou uma disciplina, indica que era pouca ou inexistente a disponibilidade de profissionais qualificados para a docência de suas temáticas. De fato, Garcia (1994 apud Ferreira, 2011) comenta que essa carência fazia com que, frequentemente, os professores de Didática Especial fossem recrutados entre os alunos de destaque do curso de Didática.

Para Fonseca (2015), as discussões sobre a centralidade da aprendizagem, a cientificidade da educação e a formação docente em nível universitário, presentes no discurso pedagógico das décadas de 1920 e 1930, possibilitaram a emergência da Didática como saber necessário ao professor. Consequentemente, entendemos que a construção

desse saber promoveu a necessidade de profissionais qualificados a “ensinar a ensinar”, exigindo não só um novo saber no espaço científico-acadêmico, mas também a constituição de uma posição subjetiva no ensino superior que, em uma perspectiva profissional, estaria autorizada a “ensinar a ensinar matemática”. Surge, então, a proposição de profissionais dedicados a pensar, a discutir e a produzir conhecimento em torno das relações entre o ensino, a educação e a matemática visando à formação de professores de matemática para o Ensino Secundário e para o Curso Normal.

Recentemente, o Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática no Brasil (GHEMAT) iniciou o projeto *A matemática na formação de professores e no ensino: processos e dinâmicas de produção de um saber profissional, 1890-1990, que tem como foco os saberes objetivados elaborados em processos históricos e dinâmicas articuladas entre a formação de professores e o ensino de matemática. Esse projeto tem permitido ao grupo pautar e elaborar conceitualmente os denominados saberes a ensinar*, “que mantêm vínculo com as disciplinas universitárias científicas, com campos específicos do saber produzido fora da escola e constituem objeto de trabalho do professor”, e *saberes para ensinar*, “fruto de elaboração histórica do ofício docente, instrumental acionado para melhor realizar o ofício de ensinar os saberes que a sociedade atribui à escola como sua função institucional” (Valente, 2017, p.214).

O projeto citado e a problemática deste texto aproximam-se na medida em que buscam compreender como se dá a elaboração de um conjunto de ideias, saberes, circunstâncias e sujeitos direcionado à tarefa de “ensinar a ensinar matemática”, particularmente nas condições históricas da formação de professores e do ensino de matemática do início do século XX. Talvez, o que diferencie essas ações, ainda que não as afaste, seja a preocupação mais intensa desta pesquisa com os processos de subjetivação que, em meio à dinâmica de saberes e poderes do espaço científico-acadêmico originado pela criação da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, promovem a emergência de posições subjetivas que passam a reivindicar tais saberes e poderes, atuando como agentes e efeitos de sua produção e manutenção. Aqui, o interesse repousa na tríade poder-saber-sujeito; entendendo-os como indissociáveis e intercambiáveis.

É nesse sentido que compreendemos que a constituição e consolidação da Educação Matemática no espaço científico-acadêmico têm uma dimensão histórica a ser enfrentada. O estudo dessa dimensão passa, inevitavelmente, por movimentos que dizem dos processos pelos quais determinados objetos e sujeitos são dados como naturais e necessários. Trata-se de mostrar que o engendramento de saberes e que a emergência dos campos disciplinares não passam apenas pelo aparecimento de novos objetos, conceitos, técnicas, metodologias, no sentido de uma história “epistemológica”, mas também faz nascer novas formas de sujeito. (Fernandes & Morais, 2017, p.249)

Nossa pesquisa sugere, então, que a disciplina *Didática Especial de Matemática* estabelece relações com a construção e a promoção de um discurso profissional, identitário

e normativo sobre a formação de professores na primeira metade do século XX; um discurso que exigiu de seu tempo a emergência de uma posição subjetiva e institucional que reivindicasse um saber sobre o “ensinar a ensinar matemática” e que mantém importantes laços com práticas e ideários pedagógicos que circulavam no período.

Os processos que envolvem o surgimento desses profissionais – que assumem uma posição subjetiva e institucional que os autoriza a produzir, divulgar e legitimar modos de “ensinar a ensinar matemática” – ajudam a compreender, ainda que localmente, como passam a ser gestados no cenário científico-acadêmico brasileiro espaços que tratam de modo sistemático os conhecimentos que surgem da necessidade de relacionar o ensino, a educação e a matemática visando à formação de professores de matemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, apreendemos potencialidades do estudo da disciplina Didática Especial de Matemática para a compreensão da formação de professores de matemática nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras na primeira metade do século XX, o que pode contribuir com diferentes frentes de investigação em História da Educação Matemática.

Como buscamos mostrar, o ineditismo da proposta de educação superior da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, que mantinha a dupla função de desenvolver um conhecimento científico desvinculado da formação profissional (o “saber desinteressado”) e, ao mesmo tempo, atuar na preparação de profissionais para o magistério no ensino secundário e no curso normal, aliado à construção de um discurso profissional, identitário e normativo sobre a formação de professores, parece incitar modos de organização e funcionamento da disciplina *Didática Especial de Matemática*, inaugurando, no limite, a necessidade de profissionais qualificados para “ensinar a ensinar matemática”.

DECLARAÇÕES DE CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

F.S.F. supervisionou o projeto. P.H.S.A. e L.H.C.A.C. executaram as atividades de campo e levantamento de fontes. Todos os autores analisaram os dados, discutiram os resultados e contribuíram para a versão final do manuscrito.

REFERÊNCIAS

- Anuário da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais: 1939-1953. (1954). Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
- Faria Filho, L. M., Souza, J. V. A., & Fonseca, N. M. L. (Eds.). (2016). *Formação docente na UFMG: história e memória*. Belo Horizonte: Mazza Edições.

- Fávero, M. L. A. (2003). A Faculdade Nacional de Filosofia: origens, construção e extinção. *Série-Estudos – Periódico do Mestrado em Educação da UCDB*, 16(1), 107-131.
- Fernandes, F. S., & Morais, R. S. (2017). Os intelectuais, o poder e a Educação Matemática: sedimentos em monumentos de pedra de nós mesmos. *Perspectivas da Educação Matemática*, 10(22), 244-263.
- Ferreira, A. C. A. (2012). *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais e a primeira Licenciatura em Matemática do estado*. In Ferreira, A. C., Brito, A. J. & Miorim, M. A. (Eds.), *Histórias de formação de professores que ensinaram matemática no Brasil*. Campinas: Ílion.
- Ferreira, V. L., & Passos, L. F. (2013, setembro/outubro). O percurso histórico da Metodologia de Ensino de Matemática no curso de Pedagogia. *Anais da Reunião Nacional da ANPEd*, Goiânia, GO, Brasil, 36.
- Fonseca, M. V. R. (2015). A história da disciplina acadêmica Didática Geral na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) da Universidade do Brasil: um olhar arqueológico. *Educar em Revista*, 55(1), 229-246.
- Foucault, M. (2002). *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Editora.
- Gomes, M. L. M. (2016). Os 80 anos do primeiro curso de Matemática brasileiro: sentidos possíveis de uma comemoração acerca da formação de professores no Brasil. *Bolema*, 30(55), 424-438.
- Haddad, M. L. A. (2015). *Faculdade de Filosofia de Minas Gerais: sementes do espírito universitário*. Belo Horizonte: Phorum Consultoria.
- Melo, C. M. M., & Araújo, T. S. (2016). A formação de professores na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Belo Horizonte, MG (1939-1948). In L. M. Faria Filho, J. V. A. Souza & N. M. L. Fonseca (Eds.). *Formação docente na UFMG: história e memória* (pp.33-62). Belo Horizonte: Mazza Edições.
- Moreira, P. C. (2012). 3+1 e suas (In)Variantes (Reflexões sobre as possibilidades de uma nova estrutura curricular na Licenciatura em Matemática). *Bolema*, 26(44), 1137-1150.
- Sucupira, N. (1969). Da faculdade de filosofia à faculdade de educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 51(114), 261-276.
- Valente, W. R. (2017). Os saberes para ensinar matemática e a profissionalização do educador matemático. *Revista Diálogo Educacional*, 17(51), 207-222.